

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno: 1:000 rs. — Por semestre: 600 — Por trimestre: 300 — Avulso 20 rs.

GALERIA.

THEATRO DE S. CARLOS.

REPETIÇÃO DA NORMA.

A celebre composição de *Bellini* é muito conhecida da platéa de S. Carlos. As notas melódicas da celebre *Mathey* ainda hoje tem adoradores, ainda ha quem sustente que foi esta cantora quem entre nós melhor conheceu a musica e a poesia da *Norma*. Vieram depois *Boccabadi* e *Rossi*, e apesar da distincção, com que foram recebidas estas duas eximias cantoras, quando se representava a *Norma* sempre se ouvia pronunciar com saudade o nome da *Mathey*.

Tal era a situação da platéa de S. Carlos ao ir ouvir novamente a *Norma* em 1849. Já se vê, que estas circumstancias não ajudavam nada os actuaes artistas. Uma reputação tão bem estabelecida como a da *Mathey*; que tinha sahido victoriosa depois das mais perigosas comparações, devia affectar muito o espirito dos actuaes cantores. Todavia a *Galeria* viu com satisfação realisada a sua profecia, e teve mais uma prova de que «a arte não é monopolio de certos nomes.»

A *Norma* foi recebida em S. Carlos com a maior satisfação do publico. As sr.^{as} *Gresti* e *Peroli* foram maravilhosamente. Os srs. *Baldanza* e *Benedetti* tambem não desagradaram, e ainda que a peça não estava no primeiro dia muito bem ensaiada, todavia fez muito bom effeito, e continua a agradar.

A *Norma* é uma magnifica scena druidica, que *Romani* escreveu com muita felicidade. E' talvez o unico *libretto*, que tenha em si mesmo merecimento real, independente da musica. Assim mesmo a tragedia de *Romani* não escapou á critica de *Blanchard* que a accusou de plagiato, dizendo que fôra copiada dos *druidas* de *Leblanc*, e da *velleda* de *Chateaubriand*; todavia os italianos apreciam muito esta producção de *Romani*, e collocam-o ao lado dos seus melhores poetas.

Se porém a poesia de *Romani* é digna do

assumpto, a musica de *Bellini* tem o singular poder de revelar todas as situações da peça, e de fazer despertar no coração do espectador todos os deliciosos sentimentos, que avultam nesta composição.

A historia deste *spartito* é curiosa. A *Norma* foi composta em Milão no anno de 1831 para a *Pasta* e *Donzelli*. Não brilhou todavia na primeira representação, porque a celebre cantora *Pasta* nunca ali a quiz executar bem, e por isso foi retirada da scena. Repetida em Napoles por *Malibran*, e em Londres pela mesma *Pasta* teve um successo extraordinario! Foi executada depois em Paris por *Grisi-Assandri-Rubini* e *Lablace*, e segundo dizem os criticos da epocha as partes desempenhadas por *Grisi* e *Assandri* agradaram muito, não acontecendo o mesmo a *Rubini* e *Lablace*!

O assumpto, que deu logar á tragedia é muito simples, e talvez seja esta simplicidade o seu maior merecimento. A sacerdotisa *Norma* das relações amorosas que tem com um proconsul Romano, houve dois filhos. Este proconsul chama-se *Pollion*. Mas o proconsul *Pollion* encontra no bosque sagrado uma linda noviça, por nome *Adalgiza*, fica perdido d'amores por ella, faz-lhe a sua declaração, e consegue seduzi-la a acompanhá-lo para Roma. A tímida *Adalgiza* luctando entre o dever, e o amor, vae depositar o seu fatal segredo no proprio seio de *Norma*, que furiosa por se ver trahida pelo pai de seus filhos, os quer matar; mas não tendo forças para tanto, convoca os druidas, denuncia-lhe o grande crime que se acaba de commetter no sacro bosque, e quando os sacerdotes perguntam o nome da criminoso, *Norma* se entrega a si mesma ao supplicio. Tal é em substancia, o que os versos de *Romani* e a musica de *Bellini* tão magnificamente nos exprimem na *Norma*.

A introducção é feita por *Oroveso* pae de *Norma*, e pelos druidas. Este magnifico coro produz um maravilhoso effeito. E' acompanhado não só por toda a orchestra, mas tambem por uma grande banda de musica marcial, o que tudo dá um caracter solemne, e magestoso á introdução.

Segue-se depois *Pollion*, o sr. *Baldanza*, que entra com o seu confidente *Ilvius*, e canta uma ca-

vatina guerreira, muito analogo á situação. O proconsul romano indignado contra a barbara lei dos druidas, e protestando o seu despreso canta com muita propriedade: *me protego me diffende um poter maggior di loro*, e acaba com uma fortissima caballeta de muita execução e effeito — *L'impio altare abatteró!*

Apparece Norma, e os Druidas que veem fazer a sua oração á lua. *A casta diva* é um hymno do mais bello character: precedido d'um solo flauta, que revella bem os encantos da noite, e a doce melancolia, que inspiram as antigas arvores d'uma frondosa selva. E' força confessar que a sr.^a Gresti cantou a *casta diva* com pureza de estylo, expressão e muito gosto. Deu á sua *mezza voce* uma suavidade misteriosa e melancolica, o que revella ter bem concebido a inspiração de Bellini. As intonações foram limpidas e puras, como o astro, a que Norma n'aquelle momento se dirigia. A sr.^a Gresti deve estar mui satisfeita do seu estudo, como os espectadores ficaram contentes com a execução do seu papel.

Vimos depois a timida Adalgiza entrar a medo pelo sagrado bosque. A nossa Adalgiza era a sr.^a Persoli, que tambem entrava a medo por ser a primeira vez, que cantava nesta parte. A engraçada timidez da nossa noviça, a linda figura, e encantadoras maneiras da sr. Persoli, a sua bella voz meio soprano, meio contralto produziram um optimo effeito na platêa de S. Carlos, e a sr.^a Persoli já conhecida do nosso publico, foi todavia admirada pelo progresso que tem feito na sua arte. A sr.^a Persoli cantou muito bem o duetto com o sr. Baldanza, e entrou igualmente bem no ter-cetto. A platêa victoriou a estrea da nova artista; a quem podemos augurar um bom futuro.

A *Norma* não é peça de que se falle uma só vez, e por isso reservamo-nos para ainda tractar della no numero seguinte.

Começamos hoje a notavel biographia do seu celebre author.

Chegou o sr. Rocco, 1.^o baixo-comico, que vem de Marselha, onde foi muito bem aceito do publico, igualmente chegou a sr.^a Marinangeli, 1.^a dama, que debutará, quarta feira na — *Luzia* — Tambem nos dizem que chegaram uma copia de bailarinos, e um novo tenor.

BIOGRAPHIA.

BELLINI.

Vicente Bellini nasceu em 1804 em Catania perto de Messina na Cecilia. Seu pai dava lições de musica para occorrer á sustentação da sua numerosa familia. Um tio paterno, melhor musico do que o pai de Bellini foi quem se encarregou da sua educação, e lhe deu as primeiras lições da

arte musical. Percebendo-se logo as grandes disposições de Bellini, foi mandado em 1814 para Napoles, a fim de entrar no celebre conservatorio daquella cidade. Frequentou-o dois annos como externo. Distinguiu-se tanto, que foi admittido como pensionista sem pagar nada.

Os progressos, que Bellini fazia, lhe alcançaram a nomeação de *repetidor* em 1821, e foi nomeado primeiro alumno do conservatorio em 1824, e encarregado da fiscalisação dos seus condiscipulos. O celebre Zingarelli sob cuja immediata direcção esteve sempre, lhe fez compôr a sua primeira obra — a musica d'uma missa. Animado pelo bom acolhimento desta composição, escreveu em 1825 uma opera para o theatro do conservatorio, intitulada: *Adelson e Salvini*. Lablache que assistiu á representação desta peça, prestou homenagem ao distincto auctor, e tomou-o desde logo sob sua protecção. A rainha de Napoles, a quem o joven musico foi recommendado, encarregou o director Barbaja de encomendar uma opera a Bellini. Barbaja accitou a commissão com tanto maior gosto, quanto lisongeiros eram os elogios, que Lablache lhe tinha feito dos recursos do joven compositor. Foi portanto nos fins do anno de 1826 que Bellini compoz para Rubini, Lablache, e Lande a opera *Bianca e Fernando*.

Nesta opera admirou-se um encantador duetto executado por Lablancé e Rubini, e uma bella aria cantada por Lablache. O brilhante successo desta peça decidiu Barbaja a mandar Bellini para Milão, cujo theatro estava tambem sob sua direcção, a fim de ali escrever uma opera para Rubini e Lablache, cujo libreto fez Romani, auctor mui pouco conhecido até áquella data. Em 1827 Bellini deu á luz o *Pirata* que lhe granjeou uma reputação europea, e os jornaes, que o tinham comparado a Rossini pela sua composição de *Bianca e Fernando*, não tiveram duvida em dizer que elle era o *piu gran maestro del mondo* desde que appareceu a sua nova composição. A anecdota seguinte explica o grande enthusiasmo que alcançou Bellini nesta epocha.

Em quanto duraram os ensaios do *Pirata* em Milão, Rossini foi um dia visitar uma pessoa, que morava por cima da casa de Bellini; o qual sabendo isto; apesar de estar a fazer a barba, correu á porta para ver e admirar o grande maestro. Com effeito pouco depois desceu Rossini, e rindo muito, pôr vér Bellini com a cara meia ensaboada, lhe disse com emoção: «Meu caro Bellini «gosto muito da sua musica, bem feliz é em chegar por onde os outros tem acabado.»

Não foi necessario mais do que a publicação nos jornaes destas palavras de Rossini para se sustentar que o merecimento de Bellini excedia o de Rossini, pois era elle mesmo que o confessava. Muitas pessoas acreditaram de boa fé estas palavras; outras porém riram-se dellas; o que todavia é certo é, que Bellini dessa data em diante foi adorado em Milão. Em Abril de 1828 epocha da abertura do theatro de Genova—o Carlos feliz— foram chamados Bellini e Donizette para escrever cada um uma opera nova; mas como escasseava o tempo, Bellini

viu-se obrigado a transportar para as vozes de M.^o Cosi, e de Mrs. Davide Tamburini a sua opera *Bianca e Fernando*, que havia escripto em Napoles, e a que então accrescentou alguns novos trechos. Esta opera porem não foi bem acolhida pelos genovezes. A' sua volta para Milão tendo a escrever a instancias de Barbaja uma nova opera para a Scala; compoz a *Straniéra*.

Esta opera ainda era mediocre os Milanesez a receberam com enthusiasmo, e Bellini deu um novo passo na sua carreira. Cantaram nesta peça Lablace e Ungher, Tamburini e Reina. Foi depois chamado a Parma para a abertura do novo theatro desta cidade, mas não foi feliz nas suas inspirações, porque a *Zaira* que elle compoz, e em que cantaram Lablace, Lalandi, e Cecconi, depois de algumas recitas foi posta de parte, e nunca mais foi cantada em parte nenhuma. (Continuar-se-ha.)

THEATRO DE D. MARIA II.

Tem continuado a ser applaudido o Alcaide de Faro. Hontem em beneficio representou-se novamente o Trapeiro de Pariz. A salla estava completamente cheia. O Trapeiro é uma das traducções, que muito tem agradado sempre. O sr. Epifanio mostra nesta peça, como póde moldar-se a tão diversas situações. O trapeiro João falla, anda, gesticula com tanta propriedade, que arrebatava sempre os applausos do publico.

Temos um grande desejo de fallar d'alguma producção nova deste theatro; dizem-nos que brevemente poderemos satisfazer o nosso desejo.

THEATRO ESTRANGEIRO.

NOVI — THEATRO CARLO ALBERTO.

Depois de tres annos de silencio, abriu-se este theatro com a opera *I due Foscari* e com o bailado fantastico *La Silfide* com os artistas já annunciados no *Pirata*. Tanto Tomasi, como Tamaro fizeram um verdadeiro fanatismo, já pela espontaneidade e doçura de suas vozes, e pelo excellente methodo de canto que nada deixa a desejar. Os trechos da opera particularmente applaudidos com varias chamadas ao proscenio foram o duetto do tenor e soprano e a aria final do tenor. O sr. Buranelli achando-se indisposto não poudo valer-se da sua força, e o seu canto passou todo em silencio. Esperava-se que em breve estivesse restabelecido, mas pelo contrario agrava-se cada vez mais a sua indisposição. No seu impedimento em quanto não é escripturado outro baritono, o sr. Donadio vae assumir a difficil parte do Doge.

Vae á scena um novo bailado comico — *Ninetta na Côte* e a opera — *Parisina* executada pela primeira dama absoluta *Scheggi* e pelo baritono *Tosi*.

GENOVA.

A *Cenerentola*, com esta opera se abriu este outono o real theatro de Carlos Felice.

Casloni foi a protagonista. Esta eximia cantora confirmou a magnifica reputação que criou em Milão e em Londres: tem uma excellente voz e bello stylo de canto. A opera ajustava-se perfeitamente ás suas forças. Foi toda ella muito applaudida e com especialidade o *rondó*.

O tenor *Pavesi* cantou com admiravel fortuna. A cavatina da *Belly* lhe grangeou os maiores applausos.

O baixo *Bartolucci* foi um excellente *Dandini*. O seu exito não esteve em duvida um momento, e o acolhimento que teve correspondeu á fama de que disfructa.

O buffo *Scheggi* gosa sempre da sympathia d'aquelle publico, desde que começou a pisar a scena.

Em fim a *Cenerentola* agradou em todas as partes, e foi um bom agouro para a estação que agora principia.

BRESCIA.

O bellissimo e tão louvado Spartito do Maestro Mazza, *La Prova d'un' Opera Seria* continua a fazer o giro dos theatros de Italia e verdadeiramente o merece pela elegancia do estylo e tão reconhecido merito espalhado por toda a parte do mundo. Foi representado tambem no theatro de Brescia, cujo exito foi esplendido.

Chegou ao ultimo ponto a execução do buffo Luigi Galli, que desempenhava o papel de *Maestro Campanone* ao qual todas as noutes o fazem repetir o excellente dueto com o baxo profundo, *Giu quatrinì, giu zecchine*.

Galli é maravilhoso no trecho da *synfonia*. E' summamente applaudida a aria do tenor Di Ruggero, e em geral todas as mais partes desempenharam com precisão. (II *Pirata*)

VARIÉDADES.

O ROMANTISMO E OS ROMANTICOS.

[Conclusão.]

Satisfeito com tão boas informações, regressi a minha casa para tranquillisar o espirito do joven amante; porém aqui me esperava outra scena de *contraste*, á qual pela singularidade, tambem não duvido chamar-lhe romantica.

Meu sobrinho, despojado do seu laconico vestido, e atormentado pelos remorsos, tinha saído em busca de mim por todos os quartos da casa, e não me encontrando, se entregava em cheio á sua desesperação. Não sei o que houvera feito considerando-se só, quando ao passar pelo quarto da criada esta sem duvida lhe deu a conhecer por algum suspiro que um ente humano respirava ao seu lado. E' preciso advertir que esta tal moça era uma moça gallega, muito velhaca e que havia já dias que tractava de entabolar relações classicas com o menino. A occasião pintam-n'a calva, e a gallega tinha boas garras para não a deixar escapar; portanto entreabriu a porta, e modificando quanto era possivel a voz fanhosa, conseguiu formar um soido gutural, meio termo entre o grasnar do pato e o piar da codorniz. — Senhorito... senhorito, que

diacho tiene? Entre e digalo... se quer uma cataplasma para los queixos ou un emplastro para el figado... e decidiu-se, e entrou no quarto e sentou-o na cama; esperando sem duvida que elle lhe dissesse alguma cousa.

Mas o preocupado galã não respondia; só de quando em quando exhalava profundos suspiros, a que ella respondia na volta do correio com outros descommunaes, adubados com azeite e vinagre, alhos crus e cominhos, parte do tempero da salada que acabava de ceiar. De vez em quando puxava-lhe pelo nariz ou lhe picava as orelhas com um alfinete (tudo em mostras de carinho e terno desvelo) porém o homem estatua permanecia sempre na mesma immobildade.

Já estava ella em termos de dar-se a todos os diabos por tanta severidade de principios, quando meu sobrinho, com um movimento convulsivo, lhe agarrou com uma mão pela camisa, (que não sei se disse que era de serapilheira) e pondo um joelho em terra, levantou um ademan poetico e outro braço e exclamou:

Oh fatal sombra da mulher que adoro!
O gelado punhal sinto em meu peito...
Já vejo o funeral lugubre feito,
Que a nós dois nos recebe ao perecer
Vejo o teu rosto preza d'agonia,
Vejo a morte em teus membros palpitantes
Reclamando dois miseros amantes,
Que esta terra não poude comprehender.

— Ave Maria purissima... (disse a gallega benzendo-se). O diabo me leve se lho perxebo!... Tien maleitas! pois se quizer leito, num tem mais que estender-se n'esse que está ahí diante, e dexar os mortos que se durman com los defunctos!

Porém o apaixonado galã, sem a ouvir, continuava o seu improviso, e logo variando de estylo e tambem de metro exclamava:

Maldita sejas mulher!
Vê que o teu halito mata?
Se has de amanhã ser ingrata,
Deixa-me agora morrer
Maldicta sejas mulher!

— Maldicto seja elle e la bruxa de su madre..! ingrato! em riba de todas las manhanas he llevar xocolate á la cama e de ter desprezado por su amor lo aguadeiro Torribio e lo Bento Gaylen.

E o romantico continuára:

Vem, vem, e morramos junctos,
Foge do mundo comigo,
Anjo de luz
Para o campo dos defunctos;
Ahi te espera um amigo
E uma cruz.

Baia, baia, senhorito, isto já passa de pulha; ou sua mercê está louco, ou yó soi una besta; bãse com mil demonios para o cemiterio ou para su quarto, antes que yo comece a ladrar porque venga o amo e lo amarre.

Aqui me pareceu conveniente pór termo a tão grotesca scena, entrando para agarrar no meu moribundo sobrinho e fechal-o á chave no seu quar-

to; e ao revistar cuidadosamente todos os objectos com que pudesse offender-se, achei sobre a meza uma carta, sem data, dirigida a mim, e copiada da *Galeria funebre*, a qual estava concebida em termos tão assustadores, que me fez começar a ter medo de veras dos seus projectos e do estado infeliz da sua cabeça. Conheci pois que só de um meio podia lançar mão, e era arrancar-o á força ás suas leituras, aos seus amores, e ás suas réflxões, fazendo-o seguir uma carreira activa; perigosa, e variada; nenhuma me pareceu melhor que a militar, a que elle tambem mostrava alguma inclinação; e fiz-lhe pór uma charlateira no hombro esquerdo, e vi-o partir com alegria para as suas bandeiras.

De então para cá tem passado um anno, e poucos dias ha ainda que o tornei a vêr; e podem considerar os meus leitores o prazer que me causaria o vel-o robusto e alegre, com a charlateira á direita, e uma cruz no lado esquerdo, cantando alegres trovas da sua bibliotheca. Compunha-se a sua mala, da *Ordenança militar*, e da *Guia de Official* em campanha.

Logo que o vi em estado que não perigasse, entreguei-lhe a chave da sua carteira, e era cousa para ver o onvir-lhe repetir ás gargalhadas as suas composições fuuebres: desejando sem duvida provar-me o seu novo humor, quiz queimal-as, porém eu, zeloso de sua fama posthuma, me oppuz fortemente a esta resolução, e só consenti em fazer um escriptuloso escrutinio, dividindo-as, não em classicas e romanticas, mas em tontas e não tontas, sacrificando aquellas e pondo estas sobre as maninas dos meus olhos. Em quanto ao drama não foi possivel achal-o, por o ter emprestado meu sobrinho a outro poeta novel, o qual o communicou a varios aprendizes do officio, e estes o tomaram por typo, e repartiram entre si as bellezas de que abunva, usurpando d'este modo ora os applausos ora os assobios que a meu sobrinho pertenciam, e dando ao publico em mutilados troços o esqueleto de tão agigantada composição.

A leitura, emfim, dos seus versos, trouxe á memoria a sua vaporosa deidade; perguntou-me por ella com interesse, e até cheguei a suspeitar que estava persuadido que se tinha evaporado de puro amor; porém eu procurei tranquilisal-o com a verdade do caso, e era que a abandonada Ariadne se tinha conformado com a sua sorte; item; havia passado ao genero classico, entregando a mão, e não sei se tambem o coração, a um honrado mercador da rua das Portas: ingratião notavel de mulheres! é bem verdade que ella pela sua parte não lhe tinha feito, segundo me confessou, senão quatorze ou quinze infidelidades no anno passado. D'este modo concluíram uns amores, que a terem seguido o curso natural, poderiam dar aos vindouros Shakespeares materia sublime para outro novo Romeu.

(Traduzido do hespanhol do sr. Mesonero.)